



## CONVERSA COM ALE SANTOS, O ARQUITETO DE UNIVERSOS AFROFUTURISTAS

Érica Fernandes Alves  <https://orcid.org/0000-0002-7691-2976>  
Doutora em Letras  
Departamento de Letras Modernas- Universidade Estadual de Maringá  
efalves@uem.br

Pedro Barth  <https://orcid.org/0000-0003-0882-2263>  
Núcleo de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa do Instituto de Letras e  
Linguística da Universidade Federal de Uberlândia  
pedro.barth@ufu.br

D.O.I: <http://doi.org/10.5281/zenodo.13619760>

*Recebido em 31 de março de 2024*

*Aceito em 05 de abril de 2024*

Ale Santos é autor afrofuturista, ativista, podcaster e storyteller quem vem ganhando muita projeção no cenário cultural brasileiro nos últimos anos, sendo inclusive reconhecido pela *Science Fiction Research Association* (SFRA) como o autor afrofuturista mais popular da nova geração. Assim, o jovem autor pode ser considerado como uma voz crucial na cena literária afrofuturista, especialmente em relação ao endereçamento de obras para crianças e jovens. Sua especialidade tem sido fusionar com sucesso a ficção científica com a cultura afro-brasileira, explorando temas como ancestralidade e resistência. Foi finalista do Prêmio Jabuti por duas vezes e do CCXP Awards. Algumas de suas obras que merecem destaque são *A Malta Indomável* e *O Último Ancestral*, pois apresentam características capazes de gerar engajamento de leitura por parte de jovens leitores.

**1- O que o inspirou a começar a escrever e quando você percebeu que queria seguir a carreira de escritor voltado para o público juvenil?**

Eu escrevo desde pequeno, a literatura está na minha vida desde que eu era criança. Eu lia livros, minha mãe comprava, mas a literatura ficou mais forte na minha vida na adolescência, por conta de jogos como RPG. Depois mais tarde, me formei em comunicação social e Publicidade e propaganda e me tornei redator publicitário. A escrita sempre esteve na minha vida, eu não decidi ser escritor. Ela sempre esteve presente como uma das principais formas de auto expressão. Eu realmente ganhei repercussão como escritor a partir de 2018, por meio das minhas *trends* na, então, rede social *Twitter*. A repercussão transformou a minha vida<sup>1</sup>.



**2 - Você poderia nos contar um pouco sobre o seu processo criativo? Como você desenvolve suas ideias e personagens? Quais influências literárias mais impactaram o seu trabalho?**

Eu sou muito técnico em relação à forma com que escrevo. Estudei roteiro de cinema, de televisão, de histórias em quadrinhos e literatura. Assim, sou um arquiteto de universos mesmo, passo muito dedicado a construir a minha ficção, desenvolver personagens, relacionamentos...

Busco construir significados em todos os detalhes da minha obra. Inclusive, o leitor atento perceberá em *O último ancestral*, ao pesquisar os nomes dos personagens, uma série de referências e histórias de culturas africanas. Não são todos os leitores que percebem isso. Assim, eu faço toda essa arquitetura de construção do universo. é um processo demorado, por exemplo, em *O último ancestral* foram dois anos. Agora estou em um novo processo, que já dura mais de um ano, para construir o universo de um novo livro. Somente quando estou seguro com o mundo ficcional que eu parto para a escrita, uma parte que é mais rápida, mas não necessariamente mais fácil do processo. Eu escrevo em quatro, cinco meses e há ainda o processo de revisão que leva o mesmo tempo.

Eu me inspiro muito para fazer ficção científica nas obras clássicas, como a obra dos escritores H. G. Wells, Tolkien, Júlio Verne, Isaac Asimov, entre outros. Também me inspiro muito em autores, cantores e artistas brasileiros como Clementina de Jesus, Candeia. Além disso, a minha literatura é muito

<sup>1</sup> A repercussão mencionada por Ale Santos pode ser compreendida na leitura de uma reportagem feita pela revista Piauí, na edição 147, de dezembro de 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/mas-sera-o-benedito/> Acesso: 04 jun. 2024.

impulsionada e alimentada pelo imaginário da quebrada, do Hip Hop de São Paulo, Racionais, Emicida, Rashid, Coruja, artistas que sempre estiveram na minha vida e inclusive são citados diretamente em alguns momentos nas minhas obras.

**3 - A representatividade e a diversidade são temas importantes em suas obras. Qual a relevância desses elementos na sua escrita e na literatura como um todo?**

Não diria que a diversidade é importante na minha obra, diria que ela é importante na minha vida. Eu não me enxergo como um autor que coloca diversidade na obra como um mero elemento. A diversidade é uma representação de quem eu sou. Eu sou um cara negro, que foi um garoto negro que cresceu em uma cidade do interior de São Paulo. Eu enxergava as pessoas ao meu redor como elas eram, suas realidades, sua pobreza, suas vivências. Assim, eu só devolvo para a literatura, a sensibilidade de perceber as pessoas ao meu redor.

**4- Como você vê a evolução do mercado literário brasileiro nos últimos anos em relação à produção literária para crianças e jovens? Qual é o lugar dos/as escritores/as negros/as desse nicho literário no mercado?**

Eu vejo o mercado literário crescendo bastante para a comunidade negra. Pesquisas apontam que o escritor médio brasileiro era um homem branco de em média quarenta anos. Isso vem se modificando pela atuação das novas gerações. Eu me preocupo com a questão da fantasia. O Brasil sempre foi um país que adora muito a literatura realista, que foi cunhada pela geração do Machado de Assis. Até hoje o Brasil é um país que valoriza pouco a fantasia e a ficção científica. É difícil para pessoas brancas

produzirem fantasia no país, para as negras é ainda mais difícil. Dá para contar nos dedos as pessoas que estão fazendo ficção científica em grandes editoras hoje. Eu ainda não vejo isso se tornar um movimento estabelecido. Os autores de fantasia e ficção científica têm corrido muito para fazer acontecer. Não há espaço em todos os eventos literários. Isso é muito mais do pensamento dos dirigentes do que do público, pois o público está cada vez consumindo mais fantasia, especialmente em séries, video games, cultura pop. Entretanto, isso nem sempre é valorizado enquanto arte, fomentando a discussão entre arte e cultura pop, discussão que afeta os autores que produzem fantasia e ficção científica.

**5- Em "O Último Ancestral", como você desenvolveu os personagens principais e de que maneira suas histórias pessoais se conectam com os temas maiores da ancestralidade e da resistência?**

Eu começo criando o meu universo e os personagens são pilares centrais do meu universo. Por exemplo, em *O último ancestral*, todos os personagens que estão ao redor do protagonista Eliah, tem uma parte emocional que falta nele. Como o Eliah é o cara que vai entregar a narrativa, é o que mais vai ser confrontado, assim, eu fiz que todos os personagens ao redor dele tivessem algo a agregar em sua jornada. Não é apenas um agregar narrativo, mas há uma jornada emocional. Por exemplo, a irmã dele provoca o entendimento de que ele precisa voltar para casa e ter senso de responsabilidade. A Moss é a mãe que ele nunca teve. O Zero é o pai que ele desconfia. Todos os personagens trazem jornadas emocionais que muitas pessoas vivem. Na periferia também vemos as complexidades das relações familiares, todas têm as suas peculiaridades. Eu acho que me inspirei

muito na minha observação de como as relações humanas são, para construir personagens e fazer que todos se conectassem em um nível muito sensível ao Eliah.



**6- "A Malta Indomável" explora temas históricos e sociais. Como você equilibra a fidelidade histórica com a necessidade de criar uma narrativa envolvente?**

A fidelidade histórica não é uma questão para mim. Tive essa discussão quando eu fiz os quadrinhos de Assassin's Creed que discuti a ditadura brasileira. As pessoas perguntam: como lidar com a fidelidade histórica? Como ficcionista minha principal preocupação é contar uma boa história e que ela seja divertida demais e transmita os valores que quero. Em *A Malta Indomável* eu queria discutir a adolescência, a história é sobre três adolescentes que se sentem fracos e depois descobrem que sempre foram super poderosos e as pessoas que tentavam tirar da cabeça deles a autoestima. Isso é muito

mais essencial para mim do que todos os outros elementos. Era falar sobre as fragilidades e inseguranças da adolescência. Os elementos históricos entram para servir essa narrativa. Novamente, sobre quem eu sou, sou um escritor que valoriza muito a minha história, a história do lugar em que vivo. Atualmente eu moro em Belém do Pará e também resgato a história de onde eu nasci, interior de São Paulo, divisa com Minas Gerais. Eu sei que os jovens leem muitas coisas que vem de fora, como *Harry Potter*, e eu quero poder falar do meu país, da minha cidade.

**7- O afrofuturismo é um elemento central em "A Malta Indomável" e "O Último Ancestral". Como você utiliza esse gênero para explorar e reimaginar as culturas afro-brasileiras no contexto de suas narrativas e como ele serve como uma ferramenta para comentar sobre questões sociais contemporâneas, como identidade, resistência e empoderamento da comunidade negra?**

Eu acho que o afrofuturismo entra como uma parte da obra que potencializa as discussões sobre ficção científica. A ficção científica sempre tentou revolucionar alguma discussão social e por algum motivo ela nunca teve uma proposta de confrontar o racismo e a busca de inclusão de pessoas negras dentro de um imaginário de tecnologia. O afrofuturismo faz isso, não apenas promove a inclusão das pessoas negras no imaginário, mas expande o pensamento das pessoas negras em relação ao futuro e em relação ao futuro do seu próprio imaginário. Torna comum o imaginário de futuro de pessoas negras para todos os leitores da obra também. É uma ferramenta social de conexão entre imaginário, futuro e sociedade.

**8- Quais lições você espera que os leitores tirem de *O Último Ancestral* e *A Malta Indomável*?**

Enquanto autor, eu não espero que os leitores tirem lições. Essa é uma função de contos de fadas, de textos antigos. Acho que cada um pode ter interpretações muito diferentes em relação aos personagens. Por exemplo, em *Malta Indomável* é possível a identificação com vários personagens diferentes. Das vivências desses personagens, talvez encontrem ferramentas para lidar com questões da sua própria vida. Eu construo todas as jornadas emocionais e todas as ferramentas de enfrentamento das questões emocionais dos personagens, sem o peso de ter que transmitir uma lição, de que todos passem exatamente a mesma jornada. Mas com a intenção de que cada um possa trazer para a sua vida um pedacinho dos personagens, identificando-se com a forma com que eles existiram na minha literatura.

**9 - Que conselhos você daria para novos escritores que estão começando agora e desejam publicar seus primeiros livros? E o que podemos esperar de seus próximos projetos literários?**

Não tenha medo de mostrar a sua fertilidade para o mundo. Muitos escritores têm medo de serem confrontados pelo crivo dos novos leitores. Não tenha medo, não caia na ideia de que precisa ser perfeito, pois não existe a perfeição nesse lugar. O que é preciso fazer é construir a sua comunidade e se conectar com seus leitores.

**10- O afrofuturismo é uma das tendências emergentes nas produções para crianças e jovens na contemporaneidade. Sua obra é uma das principais referências no contexto brasileiro. Nesse sentido, qual é a importância do afrofuturismo na literatura contemporânea, especialmente nas produções direcionadas para crianças e jovens? Além disso, de que maneira o afrofuturismo pode contribuir para a representatividade na literatura infantil e juvenil?**

O afrofuturismo traz uma estética da narrativa que é popular para discutir sobre a diversidade. Hoje em dia, as crianças adoram os heróis estadunidenses e os heróis da Disney e quando você olha para a literatura brasileira você não reconhece esses personagens. Talvez não existam por aqui narrativas e personagens com tal construção de heroísmo. Precisamos construir a nossa forma e a nossa identidade para lidar com super heróis. O afrofuturismo é minha resposta para lidar, de um jeito brasileiro, com a necessidade de responder a essa necessidade dos jovens de consumir cultura pop sem precisar apenas apontar para cultura pop estrangeira.

**11 - Sua obra juvenil e afrofuturista apresenta uma grande preocupação em uma ambientação eminentemente brasileira: são narrativas que somente poderiam acontecer a partir de uma compreensão espacial, histórica e cultural do Brasil. Como essa perspectiva brasileira influencia a construção de suas histórias e qual é a importância de situar suas narrativas nesse contexto específico?**

A brasilidade é importante para mim, a gente tem um imaginário estadunidense que domina a cultura pop e que influencia a adolescência brasileira. Chegou para mim também, fui constituído por essa

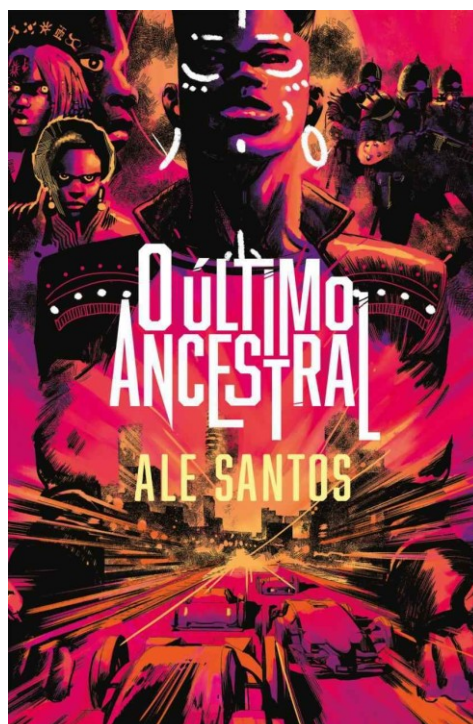
influência. Só que começo a olhar ao redor e pergunto: onde eu estou aqui? E aí passo a falar do Brasil, da nossa experiência cultural, religiosa, sincrética, complexa. Experiência que me constituiu. Então, tento construir isso. Por exemplo, *A Malta indomável* tem isso, tem um pouco do congado de Minas Gerais, tem todas as questões sobre alguns mitos nativos brasileiros, como as onças. A obra apresenta um olhar sobre a onça como um ser central na nossa cultura. Isso é importante para mim, é quase como um ativismo da brasilidade dentro da ficção científica.

12- "Suas obras 'O Último Ancestral', 'Malta Indomável' e o conto 'Cangoma' são permeadas por relações intermediárias. Por exemplo, o conto 'Cangoma' foi inspirado na música homônima de Clementina de Jesus e dialoga profundamente com o Hip-Hop. Como essas interações com outras formas de arte, como a música, influenciam e enriquecem suas narrativas?"

Eu me considero um escritor transmídia, eu consumo não apenas literatura, sou inspirado por música, como Candeia, Clementina de Jesus, BK', Racionais e tudo isso é texto. É música, mas é texto, é literatura de alguma maneira e influencia a forma com que eu penso literatura. Escritores modernos são impactados por várias mídias diferentes, desde cinema até o rap, o que acaba sendo uma forma de contar uma história, de fazer uma crônica, através da poesia falada e cantada do rap. Tudo isso me impacta, tudo isso me influencia e eu acabo sendo um escritor em que isso define o meu estilo de escrita.

### 13 - Como você avalia a recepção de suas obras pelo público jovem?

Eu ainda estou ansioso para ver mais reações de leitores em relação ao livro *Malta Indomável*, que é uma obra razoavelmente recente. Eu gosto muito da interação com as pessoas, eu sou um escritor que está constantemente nas redes sociais e percebo a interação e consigo me conectar com eles e corresponder a uns anseios que tenho como escritor, para me conectar com a cultura pop.



### Referências

TOSI, C.; ALVES, Érica F. .; BARTH, P. A. Ampliações, identidades e novas representações: a literatura infantil e juvenil de maiorias minorizadas. *Revista Leia Escola*, Campina Grande, v. 24, n. 1, [2024]. Disponível em: <https://revistas.editora.ufcg.edu.br/index.php/leia/article/view/3319>